

Mundo



GOVERNOS ESTRANGEIROS CLIENTES
Trump ganhou quase R\$ 200 milhões

Relatório oitavos de 20 países em propriedades do então presidente dos EUA



ESTADO ISLÂMICO AINDA VIVO

Grupo jihadista derrotado em 2019 reivindica atentado no Irã que deixou mais de 80 mortos

THIAGO GUIMARÃES
thiago.guimaraes@oglobo.com.br

O grupo terrorista Estado Islâmico (EI) reivindicou ontem a autoria das duas explosões de quarta-feira em Kerman, no Irã, que deixaram ao menos 84 mortos e 284 feridos durante uma procissão em homenagem ao general Qassem Soleimani, morto pelos EUA em 2020. Segundo analistas, o atentado sugere um ressurgimento sangrento da organização jihadista, que foi dizimada em 2019. Não está claro, porém, qual afiliação do EI teria cometido o massacre, apontado como o mais mortal em território iraniano desde a Revolução Islâmica de 1979.

As explosões ocorreram quando uma multidão marcava o quarto aniversário da morte de Soleimani, arquiteto das operações militares do Irã no Oriente Médio, em um ataque de drone americano em 3 janeiro de 2020 em Bagdá, capital do Iraque. Soleimani projetou o eixo de influência do Irã no exterior, remodelando a geopolítica do Oriente Médio por meio de uma rede de grupos que se opõem a Israel, incluindo o movimento xiita libanês Hezbollah e o grupo fundamentalista islâmico palestino Hamas. Também era muito respeitado no Irã por seu papel na derrota do EI no Iraque e na Síria.

IRÃ NÃO RECONHECE
No Telegram, o EI chamou o atentado de quarta de "dupla operação de martírio" e descreveu como dois de seus membros detonaram seus coletes de explosivos no meio de "uma grande multidão de apóstatas perto do túmulo do líder hipócrito", referindo-se ao general. O anúncio coincide com as avaliações da inteligência americana e de autoridades militares regionais que apontaram como provável que o ataque fosse obra do grupo jihadista.

O Irã não reconheceu imediatamente a alegação. Citando "uma fonte com conhecimento do assunto", a Irna, agência oficial de notícias do país, con-



Ritualidade antiga. Grupo de pessoas acende velas em um memorial às vítimas de atentado terrorista em Kerman em frente à embaixada iraniana em Paris; grupo sunita El atacou alvo no Irã

firou apenas que a primeira explosão foi detonada por volta das 14h45 (horário local), a cerca de 700 metros do túmulo por um "homem-bomba". Já a segunda, que ocorreu cerca de 15 minutos depois, está sendo investigada, mas é provável que também tenha sido causada por um homem-bomba, acrescentou.

Já o ministro do Interior, Ahmad Vahidi, anunciou o reforço da segurança nas fronteiras do Irã com o Afeganistão e o Paquistão, que há muito tempo são pontos de acesso importante para milícias, contrabandistas de drogas e migrantes irregulares. Inicialmente, líderes iranianos culpam Israel e o EI pelo ataque, alimentando o temor de aumentar ainda mais a tensão na região. Mas autoridades e especialistas ocidentais lançaram dúvidas sobre essa alegação, dizendo que, embora se acredite que Israel tenha realizado regularmente operações secretas no Irã, elas geralmente foram direcionadas contra indivíduos específicos, cientistas ou au-

toridades, ou contra instalações nucleares ou de armas. Na quarta, o líder supremo do Irã, aiatolá Ali Khamenei, prometeu uma "resposta dura" aos "inimigos malignos e criminosos da nação", sem citar nomes, enquanto o presidente Ebrahim Raisi falou em "mão divina da vingança", que, segundo ele, se abaterá sobre os culpados.

As autoridades dos EUA creem ser improvável que a intenção do EI fosse incriminar Israel pelos atentados ou desencadear uma guerra mais ampla. Em vez disso, provavelmente o grupo sunita está aproveitando uma oportunidade para atingir seu inimigo Irã, que tem um governo islâmico xiita e lidera, financia e arma grupos em todo o Oriente Médio — incluindo o Hamas, que governa Gaza e contra quem Israel travava guerra desde 7 de outubro.

DIVISÕES RIVAIS DO ISLÃ
O sunismo e o xiismo são as duas grandes — e até aqui irreconciliáveis — divisões do Islã. O EI classifica os xiitas co-

mo hereges e já realizou vários ataques contra povos que seguem essa vertente da religião muçulmana, principalmente no Iraque. O grupo também reivindicou a responsabilidade por vários ataques anteriores no Irã, incluindo o mais recente, em outubro de 2022, quando um homem armado matou 13 pessoas em um santuário xiita.

Várias facções têm atuado em nome do EI desde derrota do grupo em 2019

de de Shiraz. As agências de inteligência iranianas disseram já terem frustrado uma série de conspirações jihadistas em seu território. Para Mick Mulroy, ex-funcionário do Pentágono, o Estado Islâmico "não perdeu o interesse" pelo Irã, "mas parece ser um momento estranho para lançar um ataque com o atual conflito em Gaza e o apoio unificado dos mu-

çulmanos aos palestinos". A declaração do Telegram não especificou a afiliação do EI por trás dos atentados.

Colin Clarke, analista de contraterrorismo do Soufan Group, uma empresa de consultoria de segurança sediada em Nova York, suspeita que a afiliação do EI em Khorasan, também conhecida como Isis-K (na sigla em inglês), sediada no Afeganistão, seja a provável autora do ataque.

— O Isis-K demonstrou a intenção e a capacidade de atacar alvos dentro do próprio Irã — afirmou Clarke ao New York Times. — O Isis-K, que tem uma agenda altamente sectária, quer atacar o Irã porque o país é a potência xiita mais proeminente. Mais do que outras ramificações, a propaganda do Isis-K se concentra continuamente em difamar os xiitas como apóstatas. Ali Vaezi, do Crisis Group, explica que "a fronteira com o Afeganistão é porosa, o que facilita a entrada do Isis-K [no Irã] e a realização de ataques contra alvos fáceis". Para ele, "o ataque

em Kerman destacou mais uma vez a vulnerabilidade do Irã e o fracasso do governo em fornecer segurança". Desde que o chamado autodeclarado do grupo terrorista foi derrotado em 2019, várias facções assumiram o território antes sob seu domínio, segundo relatório publicado em julho de 2022 pelo Crisis Group.

"O Estado Islâmico está aproveitando as divisões entre essas forças e aumentando seus contingentes", afirma o documento.

NOMENTO TENSÃO NA REGIÃO

O Irã decretou um dia de luto ontem para homenagear as vítimas das explosões, que ocorreram em um momento tenso no Oriente Médio — um dia após o assassinato no Líbano do número 2 da ala política do Hamas, que é apoiado por Teerã. Os funerais públicos das vítimas, previstos para hoje, foram suspensos pelas autoridades e terão apenas a presença de familiares. (Com o New York Times)

GRUPOS ARMADOS QUE ATUAM NO PAÍS PERSA

Estado Islâmico de Khorasan
O Estado Islâmico (EI), grupo islâmico sunita, tem como um dos seus principais opositores o Irã, de governo xiita. Um dos principais objetivos da sua afiliação no Irã é estabelecer um califado em Khorasan, região do antigo Império Persa que hoje compreende parte dos territórios de Irã, Afeganistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão. Nos vizinhos Afeganistão e Paquistão, onde sua atuação é mais forte, o Estado Islâmico de Khorasan foi responsável por alguns dos ataques

mais notórios dos últimos anos, como o atentado suicida em agosto de 2023 que matou 169 anglófilos e 12 militares dos EUA em Cabul, em meio à retirada das tropas americanas do país. Em julho de 2018, o Isis-K foi o autor de um duplo atentado suicida que deixou 121 mortos em um comércio eletrônico no Paquistão. A reivindicação do ataque em Kerman não especificou qual ramificação teria sido responsável, mas alguns analistas suspeitam do Isis-K.

Jaish al-Adl
Outra organização terrorista no Irã

é o Jaish al-Adl, presente na província de Sistan-Baluchistão, vizinha de Kerman. O grupo, formado por sunitas da minoria étnica baluchi, esteve envolvido em um ataque há menos de um mês a uma delegacia da região, que deixou 11 policiais mortos. A área, que faz fronteira com o Paquistão, é alvo de uma intensa repressão do governo. A organização se define como um grupo separatista que luta pela independência de Sistan-Baluchistão e pelos direitos dos sunitas baluchos. Segundo a mídia estatal iraniana, o Jaish al-Adl é financiado pela Arábia Saudita e

pelos EUA, embora a própria potência ocidental o classifique como terrorista. O Jaish al-Adl é aliado de separatistas curdos no Irã e foi contrário à intervenção de Teerã na guerra civil da Síria — embora lá os curdos tenham se alinhado aos EUA para derrubar o califado do EI.

Partido pela Vida Livre do Curdistão (PJAK)
O PJAK é um grupo armado curdo de esquerda que luta contra o regime iraniano desde 2004. Aliado do Partido dos Trabalhadores do Cur-

distão (PKK), considerado uma organização terrorista por União Europeia, EUA e vários países, o PJAK faz parte da ampla insurgência que se estende a Turquia, Síria e Iraque. Segundo porta-vozes do PJAK, o grupo tem cerca de 3 mil combatentes. Suas bases ficam nos arredores das montanhas de Qandis, fronteira entre Irã e Iraque.

Movimento de Luta Árabe pela Libertação de Ahvaz (SMLA)
Outro grupo designado como terrorista por Teerã é o SMLA, que busca a autonomia de uma

grande região do país de maioria árabe, e não pensa como o restante do Irã. Sua ala militar já reivindicou vários assassinatos e ataques contra infraestruturas e alvos civis. Em declarações públicas, o grupo já se comprou aos palestinos, defendendo seu objetivo de "libertar as terras de Ahvaz (capital da província de Chaharmahal, no sudeste) e seu povo da ocupação iraniana". Teerã acusa a Arábia Saudita, sua arquirrival regional, de financiar o SMLA, o que o governo saudita nega. (Emanuele Bordallo)